



**Politécnico  
Castelo Branco**

Escola Superior Agrária



## **Cuidados Veterinários em animais selvagens e de companhia**

António Augusto Gonçalves Maciel Silva

### **Orientadores**

Prof Dr. Luís Manuel Faria Figueira

Dra. Mariana Ribeiro da Costa Ferreira

Dr. Humberto Santos Pires

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à conclusão do Curso Técnico Superior Profissional em Cuidados Veterinários, realizado sob a orientação científica do Professor Luís Manuel Faria Figueira, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

**Julho de 2025**





## Agradecimentos

À Escola Superior Agrária de Castelo Branco (ESACB), pela oportunidade de formação e pelo incentivo constante à prática profissional e à investigação científica, essenciais para o desenvolvimento de competências ao longo desta jornada académica.

A todos os profissionais da ESACB, em especial aos professores e técnicos, pela dedicação, disponibilidade e contributo fundamental para a minha aprendizagem.

Ao Dr. Luís Figueira, meu orientador interno, pelo apoio prestado ao longo de todo o processo, demonstrando um excelente profissionalismo e orientação académica.

À Dra. Mariana Ribeiro, por me acolher no CERAS com paciência, gentileza e empenho em partilhar conhecimentos, contribuindo para o meu crescimento profissional desde o primeiro dia.

Ao Dr. Humberto, por me receber na sua clínica, pela generosidade com que partilhou o seu saber e pela solidariedade demonstrada durante esta etapa da minha formação.

Aos enfermeiros(as), estagiários(as) e biólogos(as) que partilharam experiências, ideias e momentos que enriqueceram não só a minha formação profissional, como também a minha vivência pessoal.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, pela confiança no caminho que escolhi e por todo o cuidado e dedicação que me permitiram chegar até aqui.

Aos meus amigos, pela colaboração na elaboração deste relatório, e à minha irmã, pela atenção e carinho sempre presentes.

E, por fim, à Danny, razão principal desta jornada, por ter sido a minha motivação para seguir em frente, mesmo que já não esteja mais presente.

## **Resumo**

O presente relatório descreve as atividades realizadas durante o estágio curricular, com duração total de 698 horas, sendo 506 horas no Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco (CERAS) e 192 horas na Clínica Veterinária da Sé – Animalpark. O estágio teve como objetivo aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso técnico de Cuidados Veterinários em contextos práticos e reais.

No CERAS, foram desenvolvidas atividades relacionadas com o manejo, alimentação, exames físicos, exames complementares, cirurgias, necropsias, fisioterapia e manutenção dos recintos, com foco na reabilitação de animais silvestres. Já na clínica veterinária, acompanharam-se consultas, cirurgias, procedimentos cirúrgicos, vacinação, exames complementares e cuidados no internamento, abrangendo diversas áreas clínicas como oftalmologia e otologia.

A experiência permitiu o contato com diferentes espécies e contextos clínicos, promovendo o desenvolvimento técnico e a consolidação de competências essenciais à prática profissional, tanto em animais silvestres quanto em animais de companhia e de produção.

## **Palavras chaves**

Cães; Cuidados Veterinários; Gatos; Reabilitação Selvagens

## **Abstract**

This report presents the activities carried out during a curricular internship totaling 698 hours: 506 hours at the Wildlife Study and Rehabilitation Center of Castelo Branco (CERAS) and 192 hours at the Veterinary Clinic of Sé – Animalpark. The internship aimed to apply the knowledge acquired during the Veterinary Care Technician course in real and practical settings.

At CERAS, the activities focused on the rehabilitation of wild animals and included handling, feeding, physical exams, diagnostic tests, surgeries, necropsies, physiotherapy, and maintenance of enclosures. At the veterinary clinic, activities included consultations, restraint techniques, surgeries, vaccinations, diagnostic procedures, and inpatient care, covering clinical areas such as ophthalmology and otology.

The internship allowed contact with various species and clinical situations, enhancing technical skills and consolidating key competencies essential to professional practice, involving the care of wildlife, companion animals, and livestock.

## **Keywords**

Dogs; Veterinary Care; Cats; Wildlife

# Índice Geral

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1.Introdução.....</b>  | <b>1</b>  |
| <b>2.Caracterização dos locais de estágio.....</b>                            | <b>2</b>  |
| 2.1.CERAS .....   | 2         |
| 2.1.1.Objetivos e funcionamento .....   | 2         |
| 2.1.2.Espaços especializados.....   | 2         |
| 2.2.Clínica veterinária da Sé – Animalpark.....                               | 5         |
| 2.2.1.Objetivos e funcionamento .....   | 5         |
| 2.2.2.Espaços especializados.....   | 5         |
| <b>3.Casuística .....</b>   | <b>8</b>  |
| 3.1.Animais acompanhados no CERAS.....  | 8         |
| 3.1.1.Desfecho dos casos acompanhados no CERAS.....                           | 9         |
| 3.2.Animais acompanhados na Clínica veterinária da Sé – Animalpark.....       | 10        |
| 3.2.1.Distribuição dos atendimentos por área de intervenção.....              | 11        |
| <b>4.Atividades Realizadas no CERAS .....</b>                                 | <b>12</b> |
| 4.1.Maneio Diário dos Animais.....  | 12        |
| 4.2.Exame físico.....   | 13        |
| 4.2.1.Exame físico em aves.....   | 14        |
| 4.2.2.Exame físico em mamíferos.....  | 14        |
| 4.3.Exames complementares de diagnóstico.....                                 | 15        |
| 4.3.1.Radiologia.....   | 15        |
| 4.3.2.Coprologia .....  | 17        |
| 4.4.Cirurgias acompanhadas.....   | 17        |
| 4.5.Fisioterapia.....   | 18        |
| 4.6.Realização de necropsias .....  | 19        |
| 4.7.Eutanásias .....  | 21        |
| 4.8.Gestão da alimentação e manutenção dos Recintos .....                     | 21        |
| 4.8.1.Alimentação geral dos animais.....                                      | 21        |
| 4.8.2.Alimentação de crias .....  | 22        |
| 4.8.3.Manutenção dos alojamentos do internamento .....                        | 23        |
| 4.9.Manutenção do biotério.....   | 23        |
| <b>5. Atividades Realizadas na Clínica veterinária da Sé -Animalpark.....</b> | <b>24</b> |

|   |           |
|---|-----------|
| 5.1. Contenções.....                      | 24        |
| 5.2. Profilaxia.....                      | 25        |
| 5.3. Cirurgias acompanhadas.....          | 26        |
| 5.4. Oftalmologia.....                    | 27        |
| 5.5. Otologia.....                        | 28        |
| <b>6. Considerações finais.....</b>       | <b>29</b> |
| <b>7. Referências bibliográficas.....</b> | <b>30</b> |

## Índice de figuras

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 1</b> - Infraestruturas e instalações internas do CERAS. A. Enfermaria; B. Internamento; C. Sala de raio-x; D. Sala de necropsia; E. Biotério; F. Sala de cirurgia.....   | 4  |
| <b>Figura 2</b> - Infraestruturas e instalações externas do CERAS. A. Câmaras de Recuperação; B. Túneis de Voo; C. Gaiola exterior.....   | 4  |
| <b>Figura 3</b> - Infraestruturas e instalações da clínica veterinária da Sé. A. Receção; B. Consultório; C. Enfermaria; D. Recobro; E. Sala de cirurgia; F. Sala de esterilização e preparação cirúrgica; G. Laboratório; H. Sala de raio-X.....   | 7  |
| <b>Figura 4A</b> - Número de indivíduos por espécie atendida no CERAS, agrupados por ordem taxonómica.....  | 8  |
| <b>Figura 4B</b> - Distribuição de indivíduos e espécies por grandes grupos taxonómicos atendidos no CERAS.....   | 9  |
| <b>Figura 5</b> - Desfechos clínicos dos animais atendidos no CERAS durante o período de estágio.....   | 9  |
| <b>Figura 6</b> - Número de animais acompanhados na Clínica Veterinária da Sé - Animalpark, por tipo de atendimento (clínica e domicílio).....  | 10 |
| <b>Figura 7</b> - Distribuição do número de atendimentos realizados durante o estágio, por área de intervenção.....   | 11 |
| <b>Figura 8</b> - A. Contenção de uma Coruja-do-mato ( <i>Strix aluco</i> ); B. Contenção de um Ouriço-cacheiro ( <i>Erinaceus europaeus</i> ); C. Contenção de uma Coruja-das-torres ( <i>Tyto alba</i> ) sobre a mesa da enfermaria.....  | 12 |
| <b>Figura 9</b> - A. Radiografia pré-operatória evidenciando a lesão de um cágado-mediterrânico ( <i>Mauremys leprosa</i> ); B. Radiografia demonstrando fratura no úmero da asa direita de peneireiro-eurasiático ( <i>Falco tinnunculus</i> ); C. radiografia lateral do abdómen e tórax do ouriço-cacheiro ( <i>Erinaceus europaeus</i> ) evidenciando acumulação de ar no estômago; D. Radiografia de milhafre-real ( <i>Milvus milvus</i> ) mostrando fraturas antigas consolidadas por ossificação na ulna, tibia e metatarso dos membros anteriores..... | 16 |
| <b>Figura 10</b> - A. Cágado-mediterrânico ( <i>Mauremys leprosa</i> ) com lesão na carapaça antes da cirurgia; B. Momento intraoperatório com aplicação de parafusos e fios metálicos; C. Resultado final da estabilização da carapaça.....  | 17 |
| <b>Figura 11</b> - A. 2 crias fuinhas ( <i>Martes foina</i> ) recém-chegadas ao centro; B. Macho após ingestão completa da ração amolecida com leite, durante a fase de transição alimentar; C. Evolução do desenvolvimento físico de uma das crias, com cerca de 30 dias após o início dos cuidados.....   | 23 |
| <b>Figura 12</b> - Cão com infestação ocular por <i>Thelazia callipaeda</i> .....   | 25 |

**Figura 13** - Útero com piometra removido durante ovariohisterectomia em cadela.....27

**Figura 14** - Olho de um cão com úlcera de córnea, evidenciada após a aplicação do teste da fluoresceína, permitindo a visualização da lesão.....28

## **Abreviaturas utilizadas**

CTeSP CV – Curso Técnico Superior Profissional em Cuidados Veterinários.

ESACB – Escola Superior Agrária de Castelo Branco.

CERAS – Centro de Estudos e Reabilitação de Animais Selvagens.

GNR – Guarda Nacional Republicana.

TEV – Técnico em enfermagem veterinária.

MV – Médico veterinário.

CC - Condição Corporal.

BPM- Batimentos por minuto.

TRC -Tempo de repleção Capilar.

SEPNA – Serviço de Proteção da Natureza e do Ambiente.

EPI - Equipamentos de Proteção Individual.

IV – Intravenoso.

OVH – Ovariohisterectomia.

SC – Subcutâneo.



## 1. Introdução

Após a conclusão de aproximadamente um ano e meio de formação no Curso Técnico Superior Profissional em Cuidados Veterinários (CTeSP CV) na Escola Superior Agrária de Castelo Branco (ESACB), procedeu-se à realização do estágio curricular final em duas instituições distintas, com abordagens complementares na área veterinária.

A primeira etapa decorreu no Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens (CERAS), no período compreendido entre 17 de fevereiro e 7 de maio de 2025, onde se teve a oportunidade de desenvolver competências específicas no maneo, tratamento e reabilitação de fauna selvagem.

O CERAS, gerido pelo Quercus - Associação Nacional de Conservação da Natureza, com o contributo da ESACB, Fundo Ambiental e outros mecenas públicos e privados, é um centro especializado na recuperação de animais selvagens feridos, doentes ou órfãos, visando a sua reabilitação e posterior reintrodução na natureza. Além disso, constata-se que o centro desempenha um papel relevante na educação ambiental.

No decorrer do estágio, desenvolveram-se diversas atividades essenciais para o funcionamento do centro, incluindo a administração de medicamentos, preparação adequada das instalações - com elementos que simulam o habitat natural para receber novos animais -, a alimentação específica para cada espécie em recuperação e a assistência em procedimentos clínicos e cirúrgicos. Destacou-se igualmente a produção de alimentos vivos, como exemplos roedores, tenébrios e zophobas, para suprir as necessidades nutricionais específicas de diversas espécies em tratamento, como, por exemplo, aves de rapina, ouriços-cacheiros e texugos, assegurando assim a sua correta reabilitação.

Posteriormente, a segunda etapa realizou-se na Clínica veterinária da Sé - Animalpark entre o dia 23 de maio e 30 de junho de 2025, o que permitiu o contacto direto com a prática clínica veterinária convencional, com enfoque em animais de companhia. Esta diversidade de experiências proporcionou uma visão abrangente das diferentes vertentes.

Durante este período, desenvolveram-se competências técnicas fundamentais no diagnóstico, tratamento e acompanhamento de pacientes caninos e felinos. A prática clínica abrangeu diversas vertentes, incluindo consultas de rotina, procedimentos preventivos como vacinação e desparasitação, bem como a assistência em intervenções cirúrgicas básicas. Paralelamente, foi possível observar e manusear equipamentos de diagnósticos e terapêuticos essenciais à prática veterinária.

## 2. Caracterização dos locais de estágio

### 2.1. CERAS

#### 2.1.1. Objetivos e funcionamento

Fundado em 1999 pelo Núcleo Regional de Castelo Branco da Quercus – Associação Nacional de Conservação da Natureza, em parceria com a Escola Superior Agrária de Castelo Branco (ESACB) e com o apoio de mecenas particulares. Localizado na Rua da Escola Agrária, Quinta da Senhora de Mércules, 6001-909 Castelo Branco, o centro está integrado ao campus da ESACB, o que facilita a colaboração entre estudantes, investigadores e profissionais da área.

Beneficia de uma localização estratégica para o acolhimento de fauna selvagem da região, incluindo espécies provenientes do Parque Natural do Tejo Internacional, áreas rurais e florestais circundantes, e está situado num ponto de suma importância para a conservação da fauna selvagem da região.

O CERAS tem como o principal objetivo a reabilitação e devolução de animais selvagens ao seu habitat natural, após uma completa avaliação clínica e acompanhamento veterinário, sob a responsabilidade da Dra. Mariana Ribeiro, incluindo a realização dos exames complementares necessários para garantir a sua aptidão à vida selvagem. Paralelamente, o centro também desempenha atividades de diagnóstico através de necropsias e recolha de amostras biológicas, contribuindo para estudos de saúde da fauna e monitorização de doenças.

A população de animais recebidos é composta predominantemente por aves, com destaque para passeriformes como o chapim-real (*Parus major*), rapinas diurnas da família Accipitridae como a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) e Strigiformes como a coruja-do-mato "*Strix aluco*", seguido por mamíferos como o ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*), enquanto os répteis - representados principalmente pelo cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*) - constituem a menor parcela dos casos.

#### 2.1.2. Espaços especializados

O centro possui instalações especializadas para atender diferentes etapas do processo de recuperação animal:

Quando o animal selvagem chega, o primeiro atendimento ocorre na **enfermaria** (figura 1A). É feita a triagem inicial, com registo em ficha e exame físico completo. Este é também o local para administração de medicamentos e tratamentos essenciais.

O **Internamento** (figura 1B) é onde os animais em tratamento ficam alojados durante a recuperação. O espaço é limpo diariamente para garantir a higiene e bem-estar, com temperatura controlada por aquecedores em dias frios. Para reduzir o

stress, as instalações são cobertas com panos, limitando o contato visual com humanos. Uma incubadora está disponível para crias muito jovens ou debilitadas, proporcionando um ambiente seguro e de temperatura controlada. Dependendo da espécie e das necessidades do animal, este pode ser encaminhado diretamente para as **câmaras de muda**, recintos externos de média dimensão, em rede, destinados a animais autónomos, sem necessidade de tratamento, para estimulação ambiental e/ou treino de voo, como ocorreu com um exemplar de um Corço (*Capreolus capreolus*), que foi transferido diretamente para esse setor.

Para diagnósticos mais precisos, há uma **sala de radiografia** (figura 1C), equipada para identificar fraturas, lesões internas ou corpos estranhos. Já a **sala de necropsia** (figura 1D) é utilizada para determinar causas de morte e identificar possíveis doenças.

O **Biotério** (figura 1E) é responsável pela criação de roedores usados na alimentação de aves de rapina. Os animais são mantidos em caixas identificadas, com controle de reprodução, e as gaiolas são limpas regularmente para garantir um ambiente limpo.

Os procedimentos cirúrgicos são realizados na **sala de cirurgia** (figura 1F), equipada para sedação e intervenções como suturas ou cirurgia ortopédica. Este espaço é crucial para casos que exigem intervenção imediata.

Conforme evoluem, os animais são transferidos para as **Câmaras de Recuperação** (figura 2A), Existem 4 recintos pequenos e 3 grandes (um deles específico para mamíferos), todos externos e em alvenaria. Projetados para minimizar o contato humano, permitem monitorização e repouso, destinando-se a animais que não requerem aquecimento ou tratamentos contínuos e já se alimentam autonomamente. Também podem funcionar como quarentena para aves de grande porte, como cegonhas.

Por fim, os **Túneis de Voo** (Figura 2B) são estruturas amplas e semiabertas que incluem um túnel circular, no qual as aves exercitam os músculos em um ambiente controlado, garantindo um preparo adequado para a reintrodução na natureza. Adjacente a essas instalações, encontra-se uma **gaiola exterior** (Figura 2C), destinada ao treino de voo de passeriformes, como a pega-rabuda (*Pica pica*).



Figura 1 - Infraestruturas e instalações internas do CERAS. A. Enfermaria; B. Internamento; C. Sala de raio-x; D. Sala de necropsia; E. Biotério; F. Sala de cirurgia



Figura 2 - Infraestruturas e instalações externas do CERAS. A. Câmaras de Recuperação; B. Túneis de Voo; C. Gaiola exterior

## 2.2. Clínica veterinária da Sé - Animalpark

### 2.2.1. Objetivos e funcionamento

A Clínica Veterinária da Sé – Animalpark está localizada na Rua Cónego Joaquim Cabral, nº 1, 6000-238 Castelo Branco. Encontra-se sob a responsabilidade do médico veterinário Dr. Humberto Santos Pires e conta com a colaboração de médicos veterinários, enfermeiros e estagiários, funcionando como um espaço de prática clínica multidisciplinar.

O atendimento é direcionado, maioritariamente, a animais de companhia, nomeadamente cães e gatos. No entanto, também se observam casos envolvendo outros animais, como aves (particularmente pequenos passeriformes, como canários). Adicionalmente, foram atendidos diferentes mamíferos, como coelhos e porquinhos-da-índia, o que contribui para a diversificação da prática clínica.

Disponibilizam-se diversos serviços, entre os quais se destacam consultas de clínica geral, medicina preventiva, exames complementares (análises laboratoriais e imagiologia), cirurgias e hospitalização. As infraestruturas estão adaptadas para garantir o bem-estar e o acompanhamento adequado dos animais em tratamento.

Durante o estágio, foi possível participar nas rotinas da clínica, com envolvimento em tarefas como a contenção de animais, apoio em consultas e cirurgias, administração de medicação e realização de cuidados pós-operatórios. A experiência permitiu o aprofundamento de conhecimentos técnicos e o desenvolvimento de competências práticas essenciais para a atuação profissional em ambiente clínico-veterinário.

### 2.2.2. Espaços especializados

Ao chegar à clínica, o tutor é inicialmente atendido na **recepção** (Figura 3A), um espaço organizado, destinado ao acolhimento dos clientes e dos seus animais de companhia. Neste local, são efetuados os procedimentos administrativos relacionados ao atendimento, como o registo do paciente, a marcação de consultas e a emissão de documentação necessária. A recepção também conta com um pequeno espaço de venda de produtos veterinários, onde os tutores podem adquirir medicamentos prescritos pelo médico veterinário, bem como outros produtos recomendados para a saúde e bem-estar dos animais.

Após este primeiro contacto, o animal é encaminhado para o **consultório** (Figura 3B), onde são realizados o exame físico completo e a anamnese, com base nas informações fornecidas pelo tutor. Neste ambiente, procede-se à avaliação

clínica inicial do paciente e dependendo do caso, são solicitados exames complementares para um diagnóstico mais preciso.

A **enfermaria** (Figura 3C) é um espaço multifuncional utilizado para a realização de exames complementares, como ecografias, e para a preparação dos animais que irão necessitar de internamento no recobro. É também nesta área que são efetuados procedimentos como tosquias e a secagem de animais que vêm à clínica para serviços de banho e tosquia.

O **recobro** (Figura 3D) destina-se ao internamento temporário de pacientes que requerem cuidados pós-operatórios ou terapias de suporte. Neste local, os animais são monitorizados de forma contínua, recebendo os medicamentos e fluidos prescritos, bem como os cuidados necessários à sua recuperação.

A **sala de cirurgia** (Figura 3E) é um espaço destinado exclusivamente à realização de procedimentos cirúrgicos em condições de assepsia e controle rigoroso. Está equipada com todo o instrumental cirúrgico necessário, devidamente esterilizado, além de dispor de equipamentos de suporte fundamentais, como bombas de oxigênio, sistema de ventilação assistida e monitores multiparamétricos. Esses dispositivos permitem o acompanhamento contínuo dos parâmetros vitais dos pacientes, como frequência cardíaca, pressão arterial, saturação de oxigênio e função respiratória, garantindo segurança e eficácia durante as intervenções cirúrgicas.

A **sala de esterilização e preparação cirúrgica** (Figura 3F) é utilizada para a esterilização dos materiais cirúrgicos, com recurso a autoclave, e para a higienização dos diversos equipamentos da clínica. Neste espaço, encontra-se ainda uma área equipada para o banho dos animais, com sistemas específicos de lavagem e secagem adaptados às necessidades dos animais de companhia.

O **laboratório** (Figura 3G) é o local onde são realizadas análises bioquímicas e hemogramas para auxiliar no diagnóstico clínico. Também é utilizado para o armazenamento adequado de vacinas, mantidas sob refrigeração, e de outros medicamentos de uso frequente.

Por fim, a **sala de raio-X** (Figura 3H) permite a realização de exames radiográficos complementares, fundamentais para a identificação de patologias internas e para a confirmação de diagnósticos clínicos. Este ambiente encontra-se devidamente equipado para garantir a segurança dos profissionais e dos animais durante a execução dos exames.



**Figura 3** - Infraestruturas e instalações da clínica veterinária da Sé. A. Recepção; B. Consultório; C. Enfermaria; D. Recobro; E. Sala de cirurgia; F. Sala de esterilização e preparação cirúrgica; G. Laboratório; H. Sala de raio-X.

### 3. Casuística

#### 3.1. Animais acompanhados no CERAS

Durante o estágio no CERAS, foram registrados 91 indivíduos, distribuídos em 30 espécies, pertencentes a 15 ordens taxonômicas. A **figura 4A** apresenta a distribuição dos indivíduos por espécie, agrupados por ordem taxonômica, evidenciando a predominância de Strigiformes. Entre os mamíferos (26 indivíduos), destaca-se a ordem Erinaceomorpha.

A **figura 4B** detalha a frequência relativa das ordens taxonômicas registradas, destacando, além das aves, a presença significativa de mamíferos e répteis, ainda que em menor proporção.

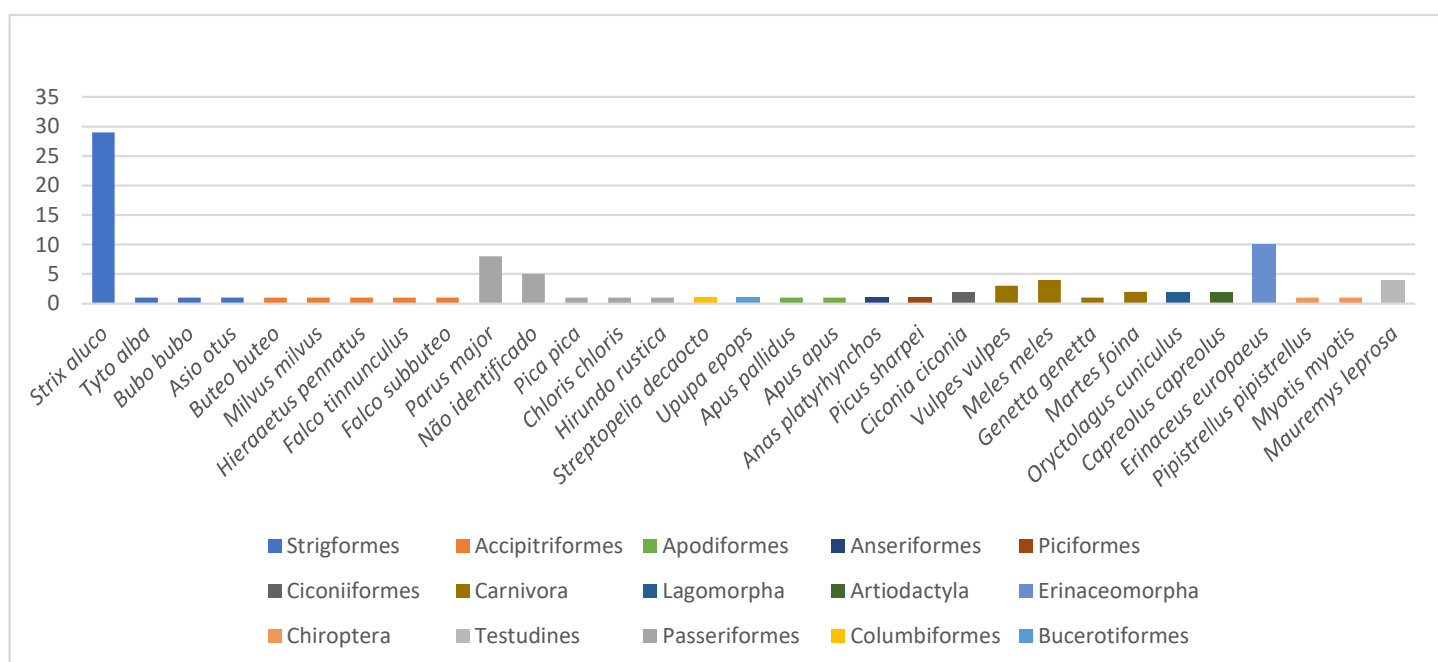


Figura 4A - Número de indivíduos por espécie atendida no CERAS, agrupados por ordem taxonômica.

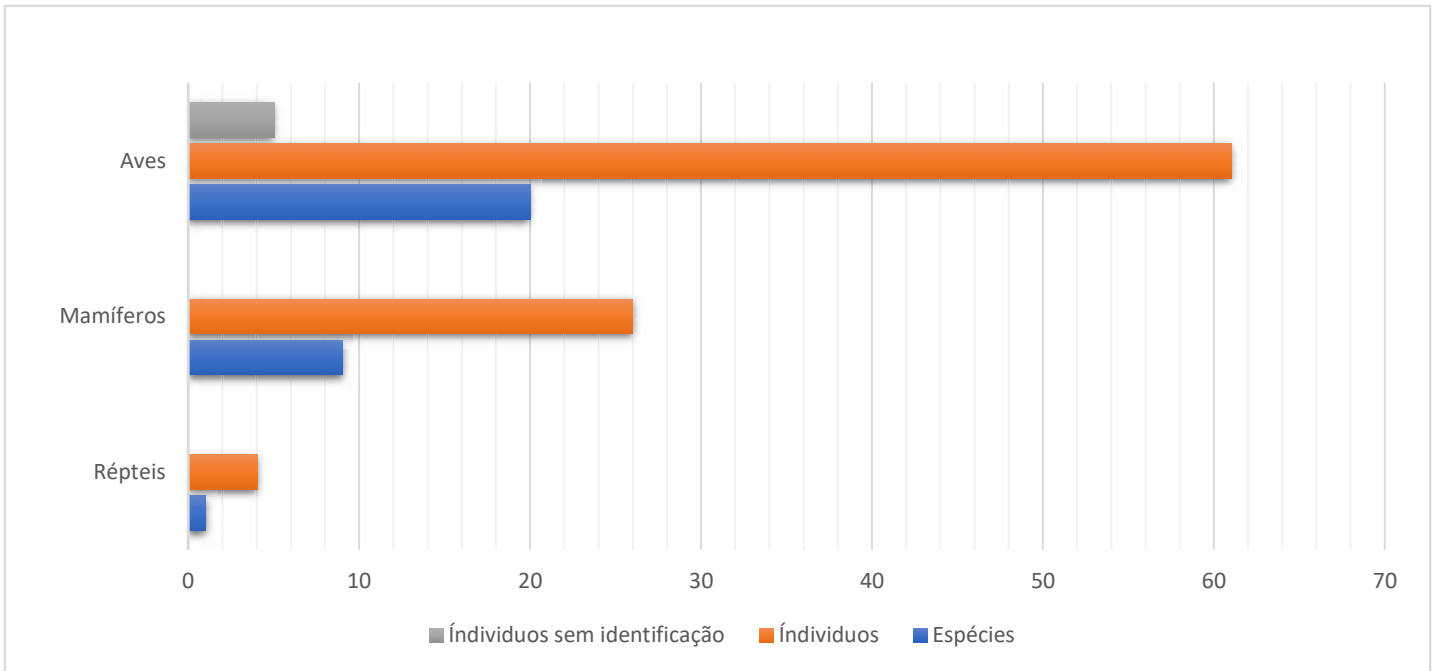


Figura 4B - Distribuição de indivíduos e espécies por grandes grupos taxonómicos atendidos no CERAS.

### 3.1.1. Desfecho dos casos acompanhados no CERAS

A figura 5 mostra os diferentes desfechos dos animais acompanhados durante o estágio no CERAS. Foram libertados 14 indivíduos, enquanto 10 já chegaram sem vida ao centro. Durante o período, 17 animais morreram de forma natural e 10 foram eutanásias por motivos clínicos. No fim do estágio, 55 animais ainda se encontravam em recuperação.

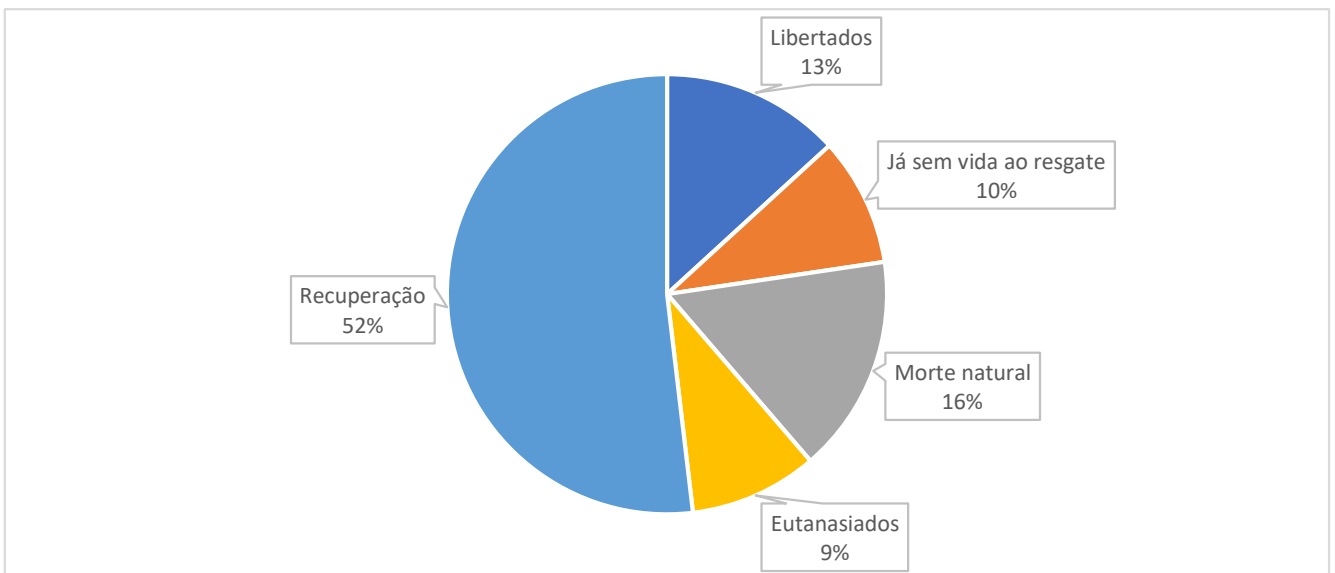


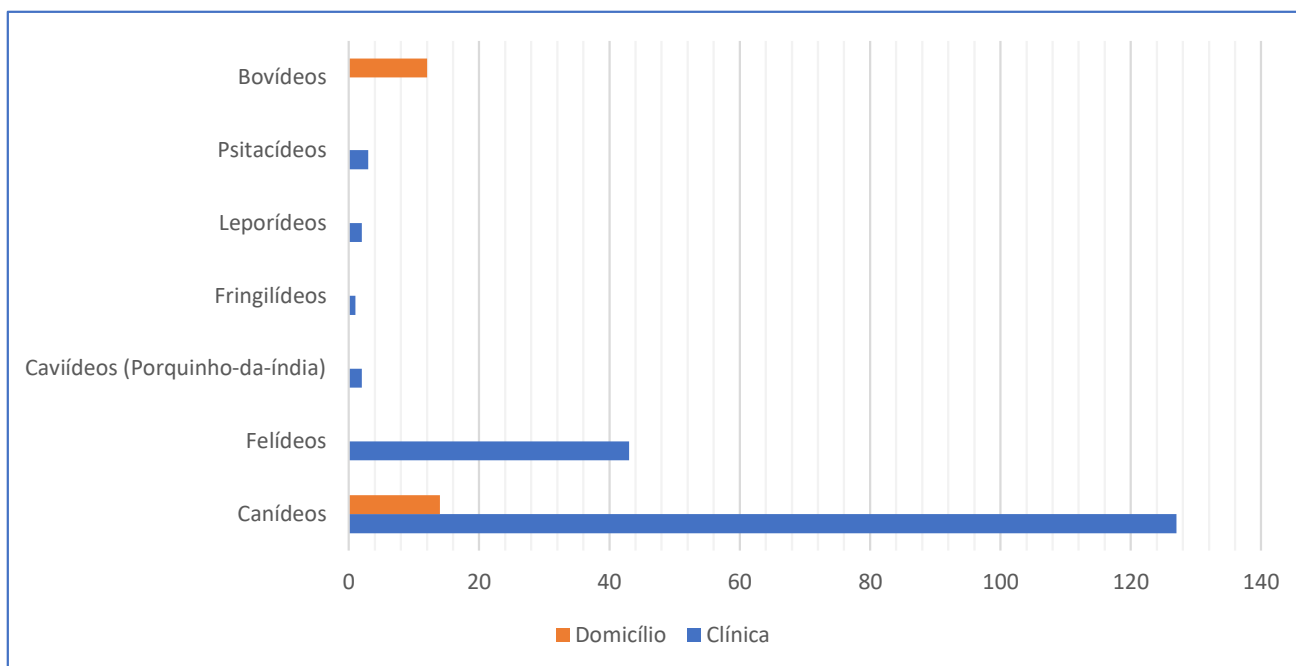
Figura 5 - Desfechos clínicos dos animais atendidos no CERAS durante o período de estágio.

### 3.2. Animais acompanhados na Clínica veterinária da Sé - Animalpark

Durante o período de estágio na Clínica Veterinária da Sé – Animalpark, foi possível acompanhar uma diversidade de espécies, tanto nas instalações da clínica quanto em atendimentos realizados ao domicílio. No total, esteve-se presente no acompanhamento de **204 animais**, cuja distribuição por grupo taxonômico pode ser visualizada na **Figura 6**.

Na clínica, a maioria dos atendimentos na clínica concentrou-se em canídeos (127), seguidos por felídeos (43). Também foram acompanhados casos envolvendo caviídeos (Porquinho-da-índia) (2), leporídeos (2), psitacídeos (3) e um representante da família dos fringílídeos (1).

Para além das consultas realizadas nas instalações da clínica, também são prestados serviços ao domicílio, com destaque para o acompanhamento de canídeos (14) e bovídeos (12), abrangendo tanto animais de companhia quanto de produção. Este tipo de serviço revela-se especialmente relevante em situações que exigem intervenção no ambiente do próprio animal, promovendo o bem-estar e permitindo uma abordagem mais individualizada dos cuidados veterinários.



**Figura 6** - Número de animais acompanhados na Clínica Veterinária da Sé - Animalpark, por tipo de atendimento (clínica e domicílio).

### 3.2.1. Distribuição dos atendimentos por área de intervenção

Durante o estágio, foram registados **300 procedimentos clínicos**, distribuídos por diferentes áreas de intervenção. Importante referir que este número diz respeito ao total de **procedimentos realizados**, e não ao número de animais distintos acompanhados (**204 no total**, conforme referido na secção 3.2). Por exemplo, quando um mesmo animal foi vacinado e desparasitado na mesma consulta, cada procedimento foi contabilizado separadamente na área de Profilaxia.

A **Figura 7** apresenta essa distribuição, evidenciando a predominância da área de Profilaxia, com 169 procedimentos clínicos, que incluíram principalmente vacinações e desparasitações, tanto em atendimentos realizados na clínica quanto ao domicílio.

Outras áreas com destaque incluem a categoria "Outros", com 48 registos, abrangendo procedimentos variados como, por exemplo, realização de pensos e banhos e tosquias, e a área de Imagiologia, com 16 procedimentos, maioritariamente radiografias e ecografias.

Procedimentos cirúrgicos totalizaram 11, enquanto especialidades como Oftalmologia (10), Otologia (7) e Gastroenterologia (6) também estiveram presentes de forma relevante. Registaram-se ainda procedimentos nas áreas de Dermatologia, Oncologia, Ortopedia, além de 5 internamentos.

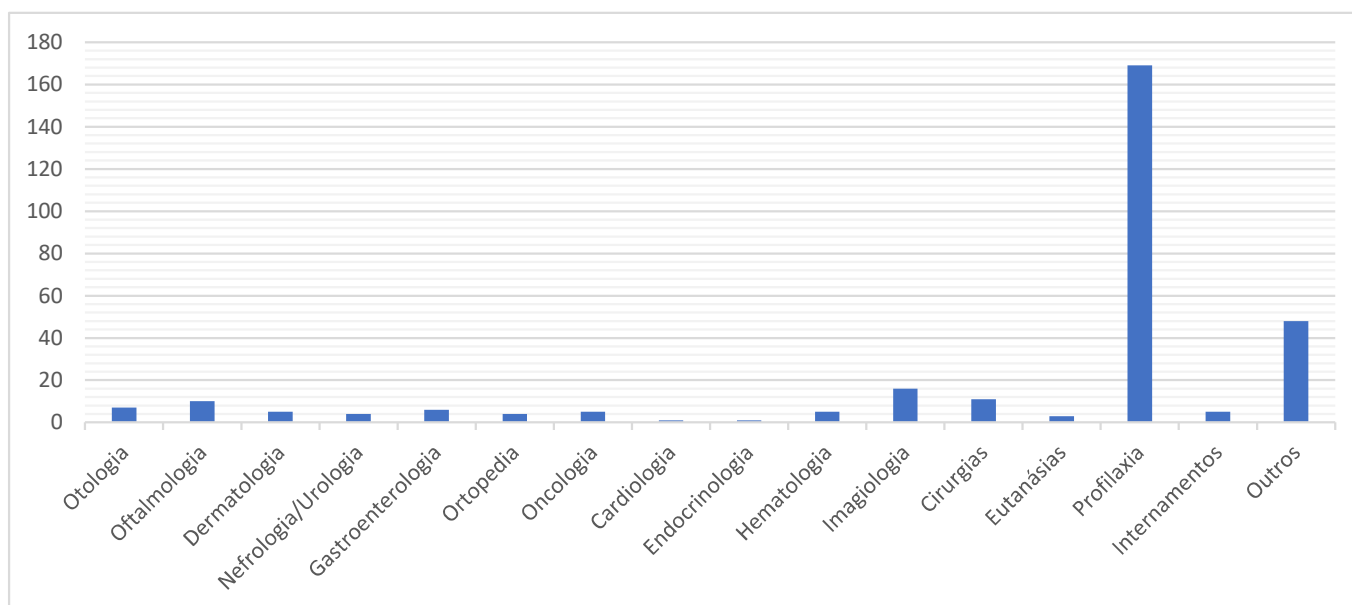


Figura 7 - Distribuição do número de atendimentos realizados durante o estágio, por área de intervenção.

## 4. Atividades Realizadas no CERAS

### 4.1. Maneio Diário dos Animais

Por se tratarem de animais selvagens, a principal preocupação durante o seu atendimento consiste em bloquear a visão do indivíduo e efetuar todos os procedimentos necessários com segurança e rapidez, com o objetivo de reduzir o *stress* relacionado à presença humana e manipulação.

A miopatia de captura é uma complicação grave em animais selvagens, frequentemente associada ao *stress* durante o resgate. Esse *stress* pode desencadear alterações fisiológicas como metabolismo anaeróbico prolongado, levando à acidose láctica e necrose muscular (Silva, 2010).

Um caso ilustrativo ocorreu com um exemplar de Corço (*Capreolus capreolus*), capturado pela GNR após ter sido encontrado desorientado. O animal foi encaminhado ao CERAS e apresentou cegueira temporária como consequência do *stress* provocado pela captura.

Ciente da gravidade desta síndrome, torna-se prioritário cobrir os olhos do animal logo após a sua contenção, utilizando, por exemplo, um pano limpo, como medida preventiva. Além disso, reconhece-se que o contato humano excessivo e prolongado pode gerar dependência comportamental, dificultando o processo de reintrodução à vida selvagem e comprometendo a sua capacidade de sobrevivência autônoma no habitat natural.



**Figura 8** - A. Contenção de uma Coruja-do-mato (*Strix aluco*); B. Contenção de um Ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*); C. Contenção de uma Coruja-das-torres (*Tyto alba*) sobre a mesa da enfermaria.

É de extrema importância identificar os principais pontos utilizados pelo animal como meios de defesa ou ataque, de modo a garantir a segurança tanto do animal quanto dos intervenientes. No caso das aves, recomenda-se a imobilização dos **membros posteriores** (figura 8A e 8C), que constituem sua principal forma de

ataque e captura de presas. Em mamíferos de médio porte, como a raposa-vermelha (*Vulpes vulpes*), torna-se aconselhável a utilização de luvas de proteção contra mordidas, bem como a contenção imediata da região cefálica, de forma a evitar lesões decorrentes de mordeduras. No manejo de espécies de pequeno porte, como o ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*), o processo de contenção é relativamente simples. Ao ser capturado com o uso de um pano, o animal exibe o seu comportamento defensivo típico, enrolando-se em forma de bola como resposta à ameaça percebida. Essa reação inibe movimentos de fuga ou agressão, permitindo uma contenção eficaz e sem resistência significativa.

## 4.2. Exame físico

Sempre que um novo animal é admitido no CERAS, realiza-se, como primeiro procedimento, o exame físico. Este inclui a avaliação da coloração das mucosas, tempo de repleção capilar (TRC), temperatura corporal, condição corporal e a verificação do seu peso. Consoante a causa de entrada e os sinais clínicos apresentados, pode ser indicado o encaminhamento para a sala de radiografia, com o objetivo de obter um diagnóstico mais preciso. A partir dessa avaliação, determina-se a necessidade ou não da administração de fármacos, com vista à estabilização e recuperação do estado de saúde do animal.

Durante o período de estágio, entre os casos mais frequentemente observados como causa de entrada, destacaram-se as quedas de ninho envolvendo crias de coruja-do-mato (*Strix aluco*), geralmente com condição corporal (CC) abaixo do normal e sinais de desidratação; e os ferimentos causados por interações agressivas com outros animais, como no caso do ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*), que também apresentava sinais de desidratação.

Cabe ao Técnico de Enfermagem Veterinária (TEV) prestar apoio em todo o procedimento clínico, incluindo a realização do exame físico, bem como a preparação prévia da mesa da enfermaria, garantindo que todos os materiais necessários estejam devidamente disponíveis, como compressas, álcool a 70%, termómetro clínico. É igualmente essencial que o TEV possua conhecimento sobre as técnicas adequadas de contenção para cada espécie atendida e esteja atento a quaisquer alterações comportamentais ou sinais clínicos que possam ser relevantes para o diagnóstico, contribuindo assim com informações fundamentais ao Médico Veterinário (MV).

Durante a permanência do animal no CERAS, e de acordo com a espécie e a causa de entrada, são realizados exames físicos periódicos com o objetivo de monitorizar a evolução clínica e assegurar que o animal se mantém em condições adequadas de saúde.

#### 4.2.1. Exame físico em aves

O exame físico em aves inicia-se com a observação do comportamento do animal ainda dentro da transportadora, avaliando-se a sua reatividade à aproximação humana ou, em casos mais graves, a presença de apatia e ausência de resposta a estímulos. Em seguida, procede-se à retirada cuidadosa da ave, com contenção adequada, e o exame é realizado na enfermaria.

A avaliação da CC é um dos primeiros parâmetros analisados, sendo determinada pela quantidade de massa muscular presente na região dos músculos peitorais, localizados ao longo da quilha – uma extensão do esterno à qual os músculos responsáveis pelo voo estão fixados. A CC é classificada numa escala de 1 a 5, onde: 1 indica condição corporal extremamente magra; 3 representa um estado moderado (ideal); e 5 indica excesso de gordura. Raramente se encontram animais selvagens com valores superiores a 3.

O grau de desidratação é avaliado por meio da prega cutânea, realizado na região acima da quilha. Se a pele retornar à posição original em menos de 2 segundos, considera-se que a ave apresenta uma hidratação adequada (desidratação inferior a 5%). Se a prega cutânea retornar entre 2 e 3 segundos, classifica-se como desidratação moderada (entre 6% e 9%). Já a ausência de retorno da pele à sua posição normal indica desidratação grave (entre 9% e 12%).

A temperatura corporal é aferida através da introdução de um termómetro na cloaca, sendo que os valores fisiológicos normais variam entre 38,5 °C e 42 °C. Ressalva-se que a manipulação pode provocar elevação transitória da temperatura corporal, o que deve ser considerado na interpretação dos resultados.

Prossegue-se com a palpação geral do aparelho músculo-esquelético da ave para verificação da presença de fraturas, hematomas ou sinais de dor à manipulação. Em seguida, realiza-se a auscultação cardíaca na região torácica cranial, próximo à base da asa - local onde os sons cardíacos são melhor captados devido à posição anatômica do coração e à influência dos sacos aéreos. A frequência cardíaca nas aves pode variar significativamente, entre 90 e 300 batimentos por minuto (bpm), dependendo do peso e da espécie avaliada.

Por fim, examina-se a região cefálica, por ser uma das mais sensíveis ao *stress* durante o exame, dado que o animal mantém contacto visual direto com os profissionais. Devem ser avaliadas as reações pupilar e palpebral, bem como a integridade dos olhos, ouvidos e demais estruturas da cabeça, observando-se qualquer anomalia, como a presença de secreções, hemorragia ou alterações neurológicas aparentes.

#### 4.2.2. Exame físico em mamíferos

Durante o exame físico de mamíferos, os procedimentos não diferem significativamente dos aplicados em aves. Inicialmente, observa-se o

comportamento do animal no momento do transporte e da recepção, sendo essencial identificar quaisquer alterações que possam indicar debilidade. No caso específico do ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*), é esperado que este se enrole em forma de bola quando se sente ameaçado; a ausência desse comportamento pode indicar comprometimento do seu estado clínico. Após a contenção adequada, procede-se à verificação do peso corporal. De acordo com o CERVAS (2012), indivíduos adultos saudáveis desta espécie apresentam, no outono, um peso médio entre 800 g e 1,2 kg, podendo este reduzir para 500–700 g após o período de hibernação.

Na sequência, realiza-se a avaliação do TRC, observando se a pele na região dorsal retorna rapidamente ao seu estado normal, o que indica boa perfusão periférica. Também é efetuada a medição da temperatura corporal e avalia-se a coloração das mucosas, parâmetro importante para o diagnóstico de possíveis alterações sistêmicas.

### **4.3. Exames complementares de diagnóstico**

Com o objetivo de estabelecer um diagnóstico mais preciso, recorrem-se a exames complementares que auxiliam na definição da conduta terapêutica por parte do médico-veterinário. Entre os métodos mais frequentemente realizados no CERAS destacam-se a radiografia, utilizada para a deteção de fraturas e outras lesões internas, e a coprologia, fundamental para a identificação de parasitoses gastrointestinais.

Para a realização de análises parasitológicas, bioquímicas e hematológicas, o CERAS conta com o apoio dos laboratórios da ESACB, que contribuem para a avaliação do estado clínico geral dos animais admitidos.

Sempre que a avaliação clínica, em conjunto com os exames complementares, evidencia que, apesar de todos os cuidados disponíveis, o animal não recuperará plenamente as suas capacidades para sobreviver autonomamente no meio selvagem, procede-se à eutanásia, assegurando a minimização do sofrimento e o respeito pelo bem-estar do animal.

#### **4.3.1. Radiologia**

A radiografia constituiu uma ferramenta diagnóstica essencial durante o período de estágio no CERAS, permitindo a identificação precisa de diversas alterações clínicas em animais silvestres. Os exames foram realizados de acordo com protocolos rigorosos de segurança e bem-estar animal, com a devida consideração às particularidades anatómicas de cada espécie.

Um caso clínico particularmente relevante envolveu um cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*), vítima de atropelamento, que apresentava uma fratura evidente com destacamento de parte da carapaça. Nestes casos, a realização de exame radiográfico é fundamental para a deteção de fraturas e a avaliação de possíveis danos em órgãos vitais, especialmente após traumatismo de alta energia.

O animal foi devidamente contido para a realização do raio-X, que permitiu a avaliação detalhada da extensão das lesões (figura 9A). A abordagem cirúrgica adotada neste caso será detalhada posteriormente, na secção sobre **cirurgias acompanhadas**.

Durante o exame, é necessário preencher corretamente os dados do paciente no software do aparelho radiográfico, como o número de entrada do animal no centro, data do exame, a voltagem (kV) e a corrente (mA), o que permite associar as imagens ao animal em questão, mantendo o registo organizado.

Durante o período de estágio, foi possível participar da realização de diversos exames radiológicos em diferentes espécies. Destacam-se os seguintes casos: um Peneireiro-urasiático (*Falco tinnunculus*), apresentando fratura no úmero da asa direita (figura 9B); Um Ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*), onde foi identificado muito ar em seu estômago (figura 9C); e um Milhafre-real (*Milvus milvus*), no qual foram observadas três fraturas antigas já consolidadas por ossificação, localizadas na ulna do membro anterior direito, na tíbia do membro anterior esquerdo e no metatarso do membro anterior direito (Figura 9D).

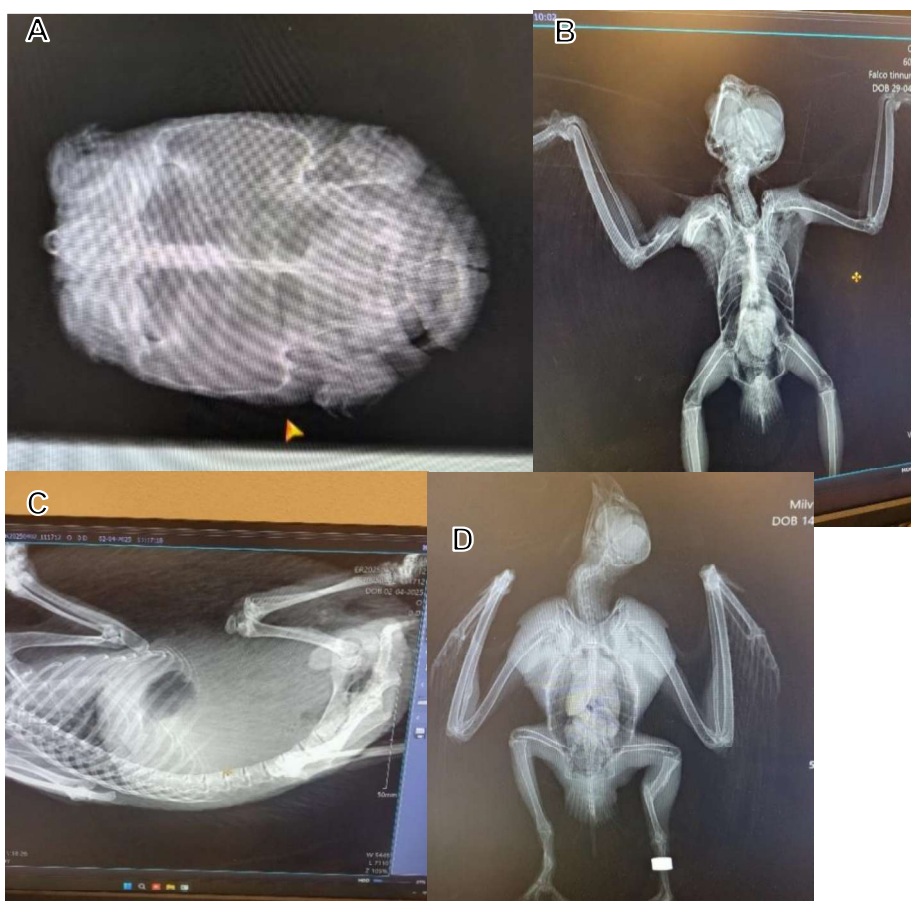


Figura 9 - A. Radiografia pré-operatória evidenciando a lesão de um cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*); B. Radiografia demonstrando fratura no úmero da asa direita de peneireiro-urasiático (*Falco tinnunculus*); C. radiografia lateral do abdómen e tórax do ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*) evidenciando acumulação de ar no estômago; D. Radiografia de milhafre-real (*Milvus milvus*) mostrando fraturas antigas consolidadas por ossificação na ulna, tíbia e metatarso dos membros anteriores.

### 4.3.2. Coprologia

A coprologia é utilizada para identificar a presença de parasitas intestinais, auxiliando no diagnóstico de infecções gastrointestinais e no acompanhamento do estado de saúde dos animais. Durante o estágio, os testes coprológicos foram realizados sempre que havia suspeita de parasitismo ou alterações no comportamento alimentar. A colheita das fezes era feita com o uso de equipamento de proteção individual (EPI), e tubos do tipo Eppendorf, nos quais as amostras eram acondicionadas e, em seguida, enviadas aos laboratórios da ESACB para análise. As análises mais comuns revelaram a presença de ovos de nemátodes, principalmente em raposas (*Vulpes vulpes*).

### 4.4. Cirurgias acompanhadas

Durante o estágio, esteve-se presente em diferentes procedimentos cirúrgicos. Um dos casos envolveu um cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*), vítima de atropelamento, cujo estado clínico antes da cirurgia pode ser observado na Figura 9A. Na intervenção, procedeu-se à contenção física e química do animal com a administração de **alfaxalona** via intramuscular. Para a estabilização de um fragmento da carapaça, foi realizada a perfuração da periferia com uma aparafusadora cirúrgica (Figura 10B), permitindo a colocação de parafusos ortopédicos. Posteriormente, utilizou-se para a fixação dos fragmentos, conforme ilustrado na Figura 10C. Ao término da cirurgia, aplicou-se cera de abelha aquecida sobre a área intervencionada, com o objetivo de proteger o local e favorecer o processo de cicatrização.

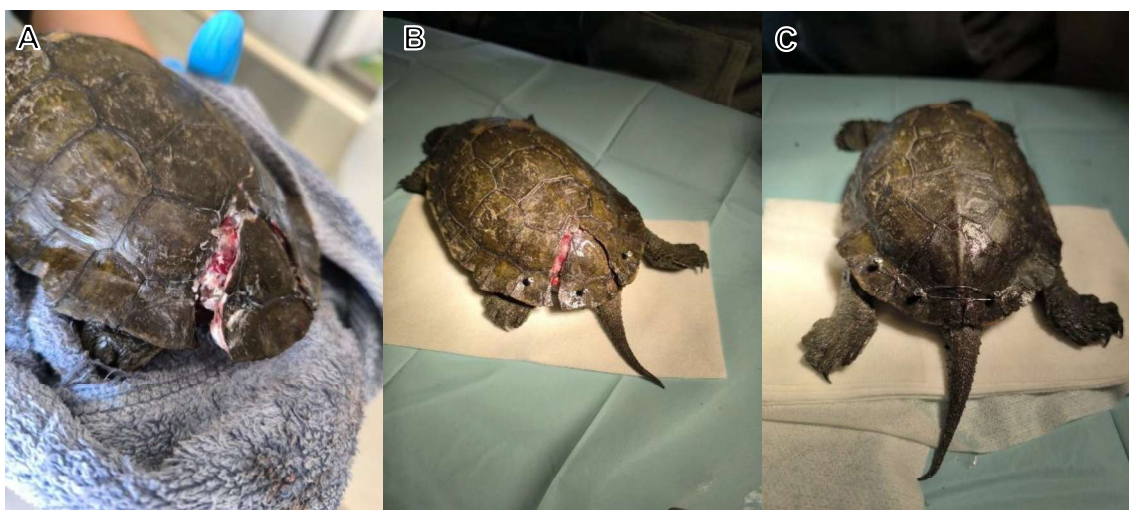


Figura 10 - A. Cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*) com lesão na carapaça antes da cirurgia; B. Momento intraoperatório com aplicação de parafusos e fios metálicos; C. Resultado final da estabilização da carapaça.

Durante os procedimentos cirúrgicos realizados no âmbito do estágio, foram utilizados diversos materiais e instrumentos essenciais para garantir a eficácia e segurança das intervenções. Entre os materiais mais frequentemente utilizados destacam-se os fios de sutura 3/0, tanto absorvíveis como não absorvíveis, bisturis com cabo nº 4 e lâminas apropriadas, bem como uma variedade de pinças, incluindo pinça de bico de rato, pinça de bico de pato e pinças de Kelly, nas versões reta e curva. Também foram usados tesouras cirúrgicas, porta-agulhas, panos de campo operatórios estéreis, compressas, gaze, e soluções antissépticas. Em intervenções ortopédicas, como a estabilização de fraturas em quelônios, recorreu-se ainda à utilização de parafusos ortopédicos, fios de aço inoxidável e aparafusadora cirúrgica.

Antes do início da cirurgia, cabe ao TEV responsável preparar devidamente a mesa operatória, organizando com antecedência todos os materiais e instrumentos necessários, de forma estéril e acessível. Paralelamente, é necessário realizar a sedação do animal, o que exige conhecimento prévio do seu peso corporal para o cálculo preciso da dose anestésica. A anestesia inalatória com isoflurano, foi o método utilizado em grande parte dos procedimentos. Esse processo requer atenção constante, especialmente em animais silvestres, que podem apresentar respostas fisiológicas distintas das observadas em animais domésticos.

O controlo das funções vitais durante a cirurgia é feito manualmente. Utiliza-se o estetoscópio para auscultação dos batimentos cardíacos, observa-se a frequência respiratória e monitoriza-se a coloração das mucosas. Para evitar hipotermia, os animais são colocados sobre um tapete térmico ao longo de todo o procedimento. Ao término da cirurgia, verifica-se o reflexo palpebral como sinal de recuperação anestésica e, sempre que necessário, procede-se à administração de medicação pós-operatória, como analgésicos e/ou antibióticos. Por fim, o animal é transferido para a instalação de recuperação adequada, onde permanece sob observação contínua durante o período pós-operatório.

#### **4.5. Fisioterapia**

A fisioterapia tem como objetivo manter o normal funcionamento do corpo e restaurá-lo quando um animal sofre devido a lesões, doenças ou incapacidades. Para alcançar esses objetivos, esta prática estimula o processo de cura, alivia a dor, aumenta e mantém a força muscular e a flexibilidade das articulações, além de promover a circulação linfática e cardiovascular, entre outros benefícios (CERAS, 2025).

Foi acompanhada a fisioterapia de uma coruja-das-torres (*Tyto alba*), admitida com uma fratura no úmero do membro anterior esquerdo (MAE). Após a realização de cirurgia corretiva no dia 17/02/25, com o objetivo de viabilizar a reintrodução do animal na natureza, iniciou-se o protocolo fisioterapêutico 24 dias depois, no dia 13/03. As sessões seguintes foram realizadas nos dias 15/03 e 17/03 do mesmo ano.

O processo seguiu o Protocolo de Fisioterapia em Animais Selvagens do CERAS (documento interno, 2025), que estabelece as seguintes etapas:

**1. Termoterapia:** aplicação de calor na zona lesionada por 5 a 10 minutos, utilizando uma botija de água quente, de forma a evitar o stress excessivo do animal.

**2. Habituar o animal ao toque:** realização de carícias leves na região do membro afetado, com o objetivo de familiarizar o animal com o toque humano e reduzir a sua reatividade.

**3. Massagem muscular:** execução de movimentos circulares ao longo do membro lesionado, no sentido distal para proximal, estimulando a circulação linfática e a eliminação de resíduos metabólicos.

**4. Movimentos tipo PROM (Passive Range of Motion):** abertura e fecho das articulações de forma passiva, sem aplicar força, com 15 repetições por articulação.

**5. Massagem dos músculos compensatórios:** em casos de lesões em asas, é comum o aparecimento de contraturas nos músculos peitorais. Nestes casos, realiza-se uma massagem profunda nesses músculos, com pressão nos pontos de tensão, simulando o gesto de “amassar pão”.

**6. Abertura simultânea das articulações:** todas as articulações do membro afetado são abertas ao mesmo tempo e mantidas nessa posição durante 10 segundos, repetindo o processo duas vezes.

#### 4.6. Realização de necropsias

As necropsias consistem em exames *post mortem* realizados com o objetivo de identificar a possível causa de morte de um animal, bem como eventuais alterações patológicas que possam contribuir para o conhecimento clínico-epidemiológico de determinada espécie ou caso. A sua importância reside na possibilidade de obtenção de informações fundamentais para investigação de doenças, diagnóstico de patologias pouco evidentes em vida e também como ferramenta de vigilância sanitária e ambiental.

Para que os dados obtidos tenham validade e utilidade, o exame deve ser realizado de forma metódica, seguindo uma ordem específica, de modo a garantir a organização das observações e a preservação de possíveis evidências. Além disso, todas as informações relevantes devem ser devidamente registadas nas folhas de necropsia, de forma clara, completa e precisa.

Durante o estágio, esteve-se presente na realização de diversas necropsias, onde eram colhidas amostras de órgãos internos considerados relevantes para o diagnóstico. A seleção das amostras era feita com base nos objetivos da análise e nas alterações identificadas durante o exame. As amostras colhidas no CERAS eram devidamente identificadas e conservadas.

As necropsias devem ser realizadas o mais rapidamente possível após o óbito do animal. Caso tal não seja viável, o corpo deve ser mantido refrigerado até à realização do procedimento, devidamente identificado com o número de entrada do animal.

A realização da necropsia era feita em equipa, composta por três elementos: um responsável pela execução do exame, um auxiliar, e um terceiro encarregado do registo fotográfico e documental das observações. Quanto aos Equipamentos de Proteção Individual (EPI), utilizavam-se luvas descartáveis, máscaras, toucas, batas plásticas e protetores plásticos para botas, garantindo a segurança e a higiene do procedimento.

Os materiais cirúrgicos e de dissecação utilizados incluíram bisturi com lâmina descartável, pinças anatómicas e cirúrgicas, tesouras de dissecação, bem como uma tesoura de corte pesado (semelhante a tesoura de cozinha para ossos), apropriada para a secção de pequenos ossos sempre que necessário.

O procedimento seguia os seguintes passos:

**1. Identificação do animal:** Incluindo espécie, número de entrada, data da necropsia e data da morte.

**2. Exame externo:** Observação da presença de ectoparasitas, coloração das mucosas, condição da pele, penas ou pelos, e identificação de eventuais ferimentos visíveis.

**3. Imobilização do cadáver:** Em mamíferos, realizava-se a incisão dos membros anteriores e posteriores para estabilização do corpo e melhor acesso à cavidade abdominal. Este procedimento não era realizado nas aves.

**4. Abertura da cavidade:** Nos mamíferos, era feita a incisão ao longo da linha média abdominal, enquanto nas aves a abertura era realizada abaixo da quilha esternal.

**5. Evisceração:** Nas aves, removiam-se os órgãos iniciando pelo bico, pescoço e cavidade celómica. Em mamíferos, o processo seguia pela cavidade abdominal e torácica, permitindo o acesso completo aos órgãos internos.

**6. Avaliação dos órgãos internos:** Cada órgão era observado individualmente, verificando-se a presença de anomalias, sinais de patologia ou parasitas internos.

**7. Colheita de amostras:** Amostras de fígado, coração, pulmão, intestino e quaisquer outros órgãos com alterações visíveis eram colhidas, identificadas e refrigeradas para posterior análise laboratorial.

A execução cuidadosa de todas estas etapas assegurava não apenas a obtenção de informações relevantes para cada caso clínico, mas também contribuía para a formação técnico-científica da equipa envolvida, reforçando a importância da necropsia como ferramenta essencial na medicina veterinária e conservação da natureza.

## 4.7. Eutanásias

A eutanásia consiste em um procedimento ético e humanitário realizado quando não se observa evolução no quadro clínico do animal, ou quando se conclui que, mesmo com todos os cuidados disponíveis, não há possibilidade de recuperação sem sequelas graves ou sem comprometimento dos comportamentos naturais da espécie, principalmente no que diz respeito à ausência de dor e bem-estar.

Para a realização do procedimento, realiza-se primeiramente a sedação do animal com isoflurano por via inalatória. Em seguida, administra-se o princípio ativo **pentobarbital sódico** por via intravenosa (IV) ou intracardíaca. A confirmação da morte sem dor é feita por meio da verificação dos batimentos cardíacos logo após a aplicação do fármaco.

Durante o estágio, foi possível acompanhar casos em que a eutanásia se mostrou a única alternativa viável. Um dos casos envolveu uma raposa-vermelha (*Vulpes vulpes*) atropelada, com fratura grave na anca. Após meses de tratamento sem sinais de recuperação, optou-se pela eutanásia, a fim de evitar sofrimento prolongado. Outro caso envolveu uma cegonha-branca (*Ciconia ciconia*) vítima de caça ilegal, com múltiplas fraturas por disparos de arma de fogo no rádio, úmero da asa esquerda e abdômen. Mesmo com os cuidados prestados, constatou-se que o animal não voltaria a voar, o que inviabilizava a sua reintegração à natureza.

A eutanásia deve sempre ser considerada como a última alternativa, quando todas as opções terapêuticas possíveis já foram esgotadas e quando a permanência do animal vivo representaria sofrimento inevitável e prolongado. Trata-se de uma decisão tomada com responsabilidade pelo MV, fundamentada em critérios técnicos e éticos que priorizam o bem-estar do animal.

## 4.8. Gestão da alimentação e manutenção dos Recintos

### 4.8.1. Alimentação geral dos animais

Durante o período de recuperação dos animais, torna-se essencial organizar e preparar a alimentação individual de cada animal presente nas instalações. Para tal, utiliza-se um quadro informativo localizado na cozinha, onde se registam os nomes científicos dos animais, a quantidade de indivíduos por espécie, onde se encontram, bem como o registo diário do que cada um consumiu ao longo da semana.

A preparação da alimentação exige antecipação. Os alimentos congelados devem ser retirados do congelador no dia anterior e colocados no frigorífico, permitindo o descongelamento gradual. No dia seguinte, a comida é devidamente distribuída, de forma organizada e uniforme, conforme as necessidades específicas

de cada animal. A hora em que a alimentação é fornecida também respeita o comportamento natural das espécies, sendo ajustada consoante se trate de animais diurnos ou noturnos, de forma a respeitar os seus ritmos biológicos.

As dietas variam consoante a espécie, idade e estado de saúde. No caso de aves de rapina independentes, a alimentação costuma incluir pintos (o alimento mais comum), codornizes, ratazanas, ratos criados no próprio CERAS e tenébrios (de forma menos frequente) e pedaços de carne provenientes de donativos de talhos locais. Para aves de rapina necrófagas, como o abutre-preto (*Aegypius monachus*), os cuidados alimentares são menos exigentes, sendo-lhes oferecidos grandes pedaços de carne com osso. Adicionalmente, carcaças de animais provenientes de óbitos na vacaria da ESACB podem ser disponibilizadas como parte da sua dieta.

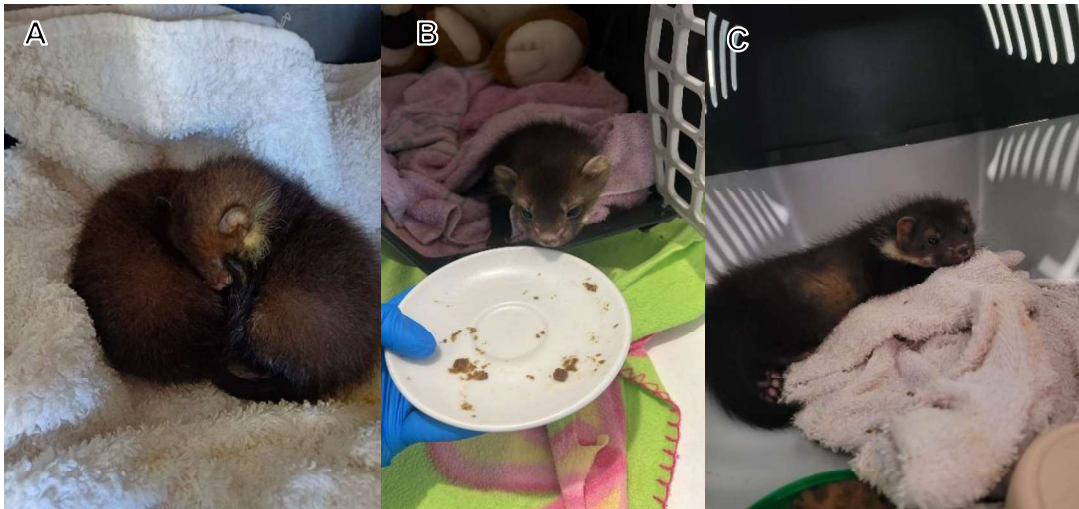
No caso de mamíferos carnívoros, como raposas e texugos, a alimentação inclui ração seca e carne, podendo esta ser fornecida com ou sem ossos. Para insetívoros como os ouriços, é comum oferecer tenébrios ou zoophobas, complementados com ração e pequenos pedaços de carne.

#### **4.8.2. Alimentação de crias**

Nos casos em que entram crias ao centro, há uma necessidade acrescida de cuidados alimentares, uma vez que estes animais ainda não são independentes e dependem totalmente da alimentação assistida para garantir um crescimento saudável e a posterior devolução à natureza.

Um exemplo recorrente envolve mamíferos carnívoros, como no caso de duas crias de fuinha (*Martes foina*) entregues ao centro. Inicialmente, foi necessário alimentá-las a cada 3 horas ao longo de todo o dia, utilizando uma mistura de leite em pó dissolvido em água quente, administrada com o auxílio de uma seringa. À medida que foram ganhando peso e força, os intervalos entre as mamadas foram sendo gradualmente aumentados, acompanhando a sua evolução e desenvolvimento fisiológico.

Com o passar do tempo, e à medida que se aproximavam da fase de desmame, começou-se a introduzir pequenas quantidades de ração amolecida misturada com o leite, com o objetivo de habituar os animais à ingestão de alimentos sólidos. Posteriormente, já com maior robustez e autonomia, passou-se a fornecer uma dieta composta por patê de carne e ração seca apropriada para a espécie, permitindo assim uma transição gradual até uma alimentação mais próxima da que teriam em meio natural



**Figura 11** - A. 2 crias fuinhas (*Martes foina*) recém-chegadas ao centro; B. Macho após ingestão completa da ração amolecida com leite, durante a fase de transição alimentar; C. Evolução do desenvolvimento físico de uma das crias, com cerca de 30 dias após o início dos cuidados.

#### 4.8.3. Manutenção dos alojamentos do internamento

A manutenção dos alojamentos dos animais em internamento é realizada diariamente, assegurando um ambiente limpo, higienizado e favorável ao bem-estar dos indivíduos presentes. Durante esse processo, aproveita-se para pesar os animais, monitorando regularmente a evolução do seu peso corporal, o que é essencial para avaliar o estado de saúde e a eficácia do plano alimentar.

As jaulas são totalmente limpas: remove-se toda a sujidade, aplica-se biocida para desinfecção, seca-se e procede-se à substituição de novos jornais. Além disso, são disponibilizados poleiros e outros elementos simples de enriquecimento ambiental, com o objetivo de reduzir o stress e favorecer o comportamento natural da espécie. Também é posto um pano sobre a parte frontal da jaula, cobrindo parcialmente a visão dos animais, minimizando o impacto visual da presença humana e promovendo uma recuperação mais tranquila.

#### 4.9. Manutenção do biotério

A sala do biotério é destinada à criação e manutenção de murganhos (*Mus musculus*), utilizados como alimento para os animais carnívoros presentes no centro, cuja dieta inclui ratos. A limpeza das caixas de criação é realizada duas vezes por semana, com o objetivo de prevenir o surgimento de doenças, promover o bem-estar dos animais e garantir um crescimento saudável das crias.

Cada caixa é composta por um macho, uma fêmea e as respetivas crias. Aproximadamente um mês após o nascimento, é realizado o desmame, e as crias são transferidas para uma caixa de maiores dimensões, agrupadas de acordo com o seu

peso como ratos juvenis pequenos. Após algumas semanas, à medida que ganham peso, são novamente transferidas para outra caixa, destinada a juvenis grandes. Estes são posteriormente selecionados para abate e utilizados como alimento para os animais do centro.

## **5. Atividades Realizadas na Clínica veterinária da Sé - Animalpark**

### **5.1. Contenções**

Durante o estágio, foram realizadas diversas formas de contenção, tanto em atendimentos na clínica como em atendimentos ao domicílio, variando conforme a espécie animal e o procedimento a ser realizado. A escolha do tipo de contenção deve sempre considerar o objetivo pretendido, seja para a colheita de sangue, administração de medicamentos, realização de exames clínicos ou complementares.

Nos cães atendidos na clínica, a contenção variava consoante o temperamento do animal e o tipo de procedimento. Para intervenções simples, como a aplicação de vacinas ou administração de medicamentos, era comum o uso de contenção manual, posicionando o animal em estação ou em decúbito, com o controlo da cabeça e membros. Em casos de maior agitação ou para exames radiográficos, podia ser necessária a utilização de focinheiras ou até sedação, garantindo a segurança de todos os envolvidos. No caso de cães mais ariscos ou com forte ligação ao tutor, pode ser aconselhado permitir que o próprio tutor realize ou auxilie na contenção, visto que a presença do responsável pode acalmar o animal e facilitar o procedimento.

Nos gatos, a contenção era geralmente feita segurando firmemente a região do cachaço, o que permite algum controlo do animal sem causar dor. Este método era frequentemente complementado com a contenção do tronco e membros com o auxílio de uma toalha, que proporciona maior imobilização e reduz o stress. Assim como nos cães, em gatos mais nervosos ou agressivos, a presença do tutor pode ser benéfica, sendo por vezes aconselhado que este auxilie na contenção, desde que não comprometa a segurança.

Em ovinos e caprinos, a contenção foi necessária principalmente para a colheita de sangue. O animal era mantido em estação, com a cabeça ligeiramente elevada e controlada por detrás das mandíbulas, enquanto o operador realizava o garrote na veia jugular.

Cada contenção foi adaptada à espécie, comportamento do animal e tipo de intervenção, com o objetivo de garantir a eficácia do procedimento e o bem-estar animal.

## 5.2. Profilaxia

A profilaxia consiste na adoção de medidas preventivas com o objetivo de evitar o aparecimento de doenças, sendo um dos pilares fundamentais da prática clínica veterinária. Durante o estágio, observou-se que a clínica tem um forte foco em ações profiláticas, com destaque para **desparasitações** e **vacinações**, realizadas tanto em atendimentos na clínica quanto ao domicílio.

Foram realizadas 83 desparasitações, com o uso de diversos antiparasitários adaptados às diferentes espécies atendidas. Em animais de companhia, os princípios ativos mais utilizados incluíram **sarolaner**, **moxidectina**, **pirantel embonato**, **lotilaner**, **imidacloprida**, **permetrina**, **milbemicina oxima** e **praziquantel**. Nos bovídeos, foi administrado um antiparasitário à base de **ivermectina** e **clorsulon**.

Um caso clínico de destaque ocorreu durante um atendimento domiciliar, onde um cão apresentava parasitas oculares (Figura 12), sendo diagnosticado com **Thelazia** (*Thelazia callipaeda*), um gênero de nemátode que infesta os olhos de mamíferos, podendo causar sinais como lacrimejamento excessivo, conjuntivite e desconforto ocular. O tratamento foi iniciado de imediato.

Foram administradas 86 vacinas, principalmente por via subcutânea (SC). Destacaram-se imunizantes destinados à proteção contra **cinomose**, **hepatite infecciosa canina** (adenovírus tipo 1), **adenovírus tipo 2**, **parainfluenza canina**, **parvovirose canina** e **leptospirose** (sorovares *Canicola* e *Icterohaemorrhagiae*), além da **raiva**, com maior frequência em cães. Em felinos, a vacina mais utilizada continha agentes contra **panleucopenia felina**, **calicivirose** e **rinotraqueíte viral felina** (herpesvírus felino tipo 1). Também foram aplicadas vacinas polivalentes com formulações semelhantes em cães e, em animais de produção, vacinas contra **clostridioses**, incluindo antígenos de *Clostridium chauvoei*, *C. septicum*, *C. novyi*, *C. sordellii* e *C. perfringens* tipos B, C e D.

Cabe ao TEV na preparação das vacinas, que inclui verificar o estado de conservação, validade, agitação adequada e montagem do material necessário. Além disso, também é responsável por realizar a desparasitação de forma segura e eficaz, sempre que indicado pelo MV.

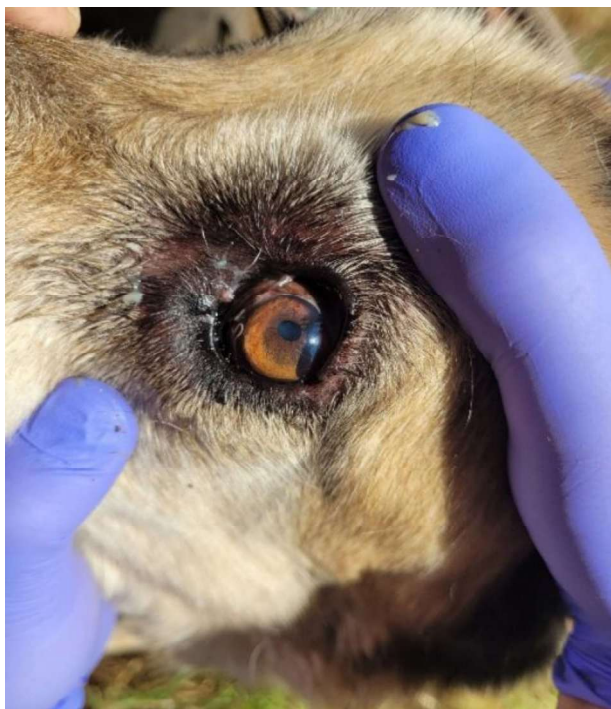


Figura 12 - Cão com infestação ocular por *Thelazia callipaeda*.

### 5.3. Cirurgias acompanhadas

Durante as cirurgias acompanhadas, o TEV tem um papel essencial tanto na preparação pré-operatória quanto no suporte durante o procedimento. Antes da cirurgia, é responsabilidade do técnico preparar a sala cirúrgica, organizando a mesa operatória, posicionando os equipamentos anestésicos e separando o material estéril necessário, como instrumentais cirúrgicos, compressas, fios de sutura e soluções antissépticas.

Também faz parte da rotina realizar a tricotomia na região indicada para a cirurgia e na região onde será inserido o acesso venoso periférico, geralmente na veia cefálica, para a administração de fluidoterapia (como o soro fisiológico – NaCl 0,9%) e medicações intravenosas. O paciente deve ser entubado para a indução e manutenção da anestesia inalatória, e ligado aos monitores para avaliação dos parâmetros fisiológicos, como frequência cardíaca, frequência respiratória, temperatura corporal e saturação de oxigênio.

Durante todo o procedimento, é obrigatório o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), como luvas descartáveis, máscaras cirúrgicas e toucas, garantindo a assepsia e reduzindo o risco de contaminação tanto para o paciente quanto para a equipa.

Atuou-se tanto como circulante, auxiliando na administração de antibióticos e anti-inflamatórios e na organização da sala durante o ato cirúrgico, ou como ajudante de cirurgião, quando treinado e sob supervisão, colaborando com a manipulação de instrumentos ou tecidos.

Uma das cirurgias de maior relevância acompanhadas durante o estágio foi uma ovariectomia (OVH) realizada em uma cadela com diagnóstico de **piometra**, na qual atuou-se como circulante. Esta intervenção exigiu cuidados rigorosos e destacou a importância do trabalho em equipa e da assistência técnica durante procedimentos complexos. A **Figura 13** ilustra o útero gravemente alterado pela piometra, evidenciando a gravidade do quadro clínico e a necessidade da intervenção cirúrgica.

Após o término do procedimento cirúrgico, o paciente é encaminhado para a área de recobro, onde permanece sob observação até a recuperação completa da anestesia. A jaula de recobro deve ser previamente preparada, garantindo um ambiente limpo, confortável, seguro e devidamente aquecido, conforme a necessidade do animal, favorecendo uma recuperação tranquila e sem intercorrências.



**Figura 13** - Útero com piometra removido durante ovariectomia em cadela.

#### 5.4. Oftalmologia

Na área de oftalmologia, foi acompanhado o caso de um cão que apresentava uma úlcera corneana. Procedeu-se à realização do teste da fluoresceína, que permitiu evidenciar a lesão na superfície ocular (Figura 14). Após o diagnóstico efetuado pelo MV, foi instituído tratamento com o princípio ativo **dexpantenol**, substância

indicada para promover a regeneração do epitélio corneano e auxiliar no processo de cicatrização de úlceras.

Além disso, observou-se um caso em felino que apresentava presença de uma prägana no olho, a qual provocou lesão na córnea. Após a remoção utilizando uma pinça de corpos estranhos, foram realizados os devidos cuidados oftalmológicos, de acordo com a orientação do MV.

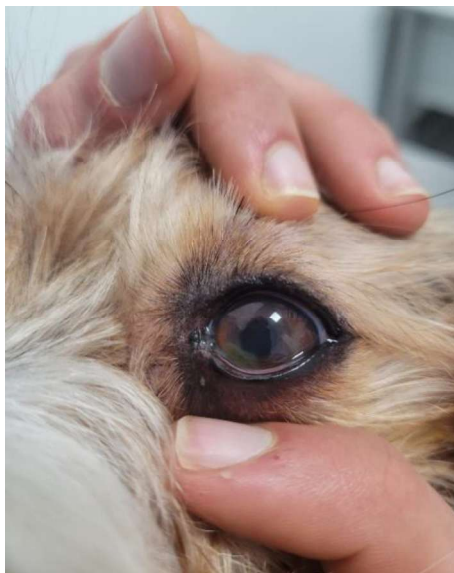


Figura 14 - Olho de um cão com úlcera de córnea, evidenciada após a aplicação do teste da fluoresceína, permitindo a visualização da lesão.

## 5.5. Otologia

Na área de otologia, acompanharam-se diversos casos clínicos em cães e gatos. Em cães, observaram-se frequentemente quadros envolvendo a presença de corpos estranhos no canal auditivo, sendo as praganas os elementos mais comuns. Nesses casos, procedeu-se à remoção cuidadosa do corpo estranho, seguida da higienização do conduto auditivo.

Em felinos, destacaram-se casos de otohematoma, nos quais se realizou drenagem por incisão cirúrgica, conforme orientação do médico-veterinário. Entre os medicamentos utilizados com maior frequência nos casos otológicos, destacam-se formulações à base de **amitraz**, indicadas no tratamento de otites parasitárias causadas por ácaros, e soluções de limpeza auricular contendo **ácido salicílico e ácido láctico**, utilizadas para remover o excesso de cerúmen e detritos, promovendo a higiene do conduto auditivo e prevenindo infecções secundárias.

## 6. Considerações finais

O estágio curricular representou uma etapa essencial para a consolidação dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação, permitindo vivenciar, de forma prática, a realidade da atuação profissional em diferentes contextos da medicina veterinária. A experiência abrangeu o acompanhamento de casos clínicos em animais de companhia, de produção e silvestres, contribuindo para o desenvolvimento de competências técnicas, éticas e interpessoais fundamentais.

Tanto no CERAS quanto na Clínica Veterinária da Sé – Animalpark, as abordagens variaram de acordo com a espécie e o quadro clínico apresentado, exigindo capacidade de adaptação, responsabilidade e precisão nos procedimentos realizados. No CERAS, acompanhou-se todo o processo de admissão e reabilitação de animais silvestres, desde o preenchimento da ficha de entrada até os cuidados diários, exames, cirurgias, tratamentos clínicos e, sempre que possível, a devolução do animal ao seu habitat natural. Essa vivência reforçou a importância do trabalho multidisciplinar voltado à conservação da biodiversidade.

Na clínica de animais de companhia, acompanhou-se a rotina completa dos atendimentos, abrangendo tanto as consultas em ambiente clínico quanto os atendimentos ao domicílio. Foram realizados exames complementares de diagnóstico, procedimentos cirúrgicos, administração de medicamentos e cuidados prestados durante o internamento e nas diferentes fases do procedimento cirúrgico. Essa vivência permitiu compreender a complexidade e as exigências envolvidas na prática clínica diária.

Ao longo do estágio, surgiram situações inesperadas que exigiram capacidade de análise, tomada de decisões rápidas e fundamentadas, bem como uma atuação segura. Esta vivência prática permitiu não só aplicar os conhecimentos adquiridos, mas também consolidar procedimentos essenciais, desenvolver autonomia e fomentar uma busca contínua por aperfeiçoamento.

O estágio revelou-se uma experiência enriquecedora e indispensável para a formação profissional, despertando um interesse ainda maior pelas diversas áreas da veterinária e reforçando o compromisso com a saúde, o bem-estar e a proteção dos animais de companhia, selvagens e de produção.

## 7. Referências bibliográficas

SILVA, E. M. Miopatia de captura em espécies selvagens: uma revisão. Medvep - Revista Científica de Medicina Veterinária, v. 8, n. 24, p. 264–268, 2010. Disponível em: [https://www.bvs-vet.org.br/vetindex/periodicos/medvep-revista-cientifica-de-medicina-veterinaria-/8-\(2010\)-24/miopatia-de-captura-em-especies-selvagens-uma-revisao/](https://www.bvs-vet.org.br/vetindex/periodicos/medvep-revista-cientifica-de-medicina-veterinaria-/8-(2010)-24/miopatia-de-captura-em-especies-selvagens-uma-revisao/). Acesso em: 12/05/25.

CERVAS. Espécie do mês de junho: Ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*). Aldeia, 2012. Disponível em: <https://cervas-aldeia.blogspot.com/2012/06/especie-do-mes-de-junho-ourico-cacheiro.html>. Acesso em: 14/05/25.

CERAS – Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens. Protocolo de Fisioterapia em Animais Selvagens. Castelo Branco: Documento interno, 2025.